

**DA SUBJETIVIDADE LÍRICA A CONSCIÊNCIA DA MÉMÓRIA COLETIVA
EM VINTÉM DE COBRE: MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA DE CORA
CORALINA**

Universidade Federal de Goiás

Kelly Beatriz do Prado¹

RESUMO

Este artigo traça uma leitura de *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, de Cora Coralina, partindo do estudo literário que evidencia tanto aspectos épicos quanto líricos, numa proposta que vai da subjetividade da recordação lírica ao memorialismo. Para tanto servimo-nos das considerações de Staiger (1974) sobre o *Estilo Lírico*, bem como do estudo do mergulho na subjetividade, que promove um estado lírico contra um estado socialmente impresso explorado por Thodor Adorno (2012) em *Palestra sobre Lírica e Sociedade* e do sentido de *Memória Individual e Memória Coletiva* trabalhado por Halbwachs (2006), que permite verificar de que forma a subjetividade instaurada por Cora nas confissões de Aninha conduz a consciência da existência de uma memória coletiva corrente da qual a memória individual faz parte.

Palavras-Chave: Subjetividade – Voz Feminina – Memória Coletiva

ABSTRACT

This article presents a reading of *Vintém Copper: socks confessions of Annie Cora Coralina*, leaving the literary study which highlights both epics as lyrical aspects, a proposal that goes to the subjectivity of lyric memorialism recall. For this we employ considerations of Staiger (1974) on *the Lyrical Style*, as well as deepening the sense of dip in subjectivity, which promotes a lyrical state against printed socially exploited by Thodor Adorno (2012) in *Lecture Lyric and Society* and the sense of *Individual memory and Collective Memory* worked for Halbwachs (2006), which allows you to check how the subjectivity introduced by Cora in the confessions of nests leads to awareness of the existence of a collective memory stream from which individual memory part, and specifically in the work under study overlaps to that.

Key words: Subjectivity - Female Voice - Collective Memory

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários. Email: kellybeatrizdoprado@hotmail.com

Introdução

Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha de Cora Coralina configura uma obra bastante discutida que abarca algumas dificuldades, tais como a de definição de gênero, vez que é considerada autobiográfica por parte da crítica, e pertence marcadamente ao gênero confessional, escrita em forma de poesia. Tendo o pretérito como tempo recorrente, o passado como objeto “contado” pertence à memória, segundo Staiger (1974), e como tema do lírico remete a recordação, assim a obra apresentaria também um caráter épico pela narração da memória que acaba por construir uma poesia de tensão com a subjetividade lírica. Não bastassem os meandros do gênero, há a inscrição também da perspectiva do tempo presente com interferências e paralelos comparativos que acentuam o aspecto dissonante na obra. Essa leitura parte da inscrição da subjetividade lírica, que subvertendo o ideal lírico do tema idílico da infância pré-anuncia um lirismo ressentido que se dá contra um estado social impresso, e que mesmo inserido numa memória coletiva de forte influência sobre o indivíduo que fala no poema, mantém a supremacia da memória individual, que foi capaz de sustentar-se pelo recondição do lugar que esse indivíduo passou a ocupar na coletividade e pelas relações que estabeleceu com outros espaços.

A inscrição da subjetividade lírica num processo de subversão do estado socialmente impresso frente à memória coletiva

Em *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* de Cora Coralina, se observa um trabalho não só autobiográfico, como já foi ressaltado por parte da crítica existente, mas também literário ao calcar o épico que retoma a memória e rememora os fatos do passado e o lírico que institui a recordação ressentida, a poesia de Cora não só cria uma dissonância entre as categorias de tempo e espaço, mas também gera a tensão que é própria das artes modernas. O trabalho autobiográfico pode ser reconhecido quando a poetisa se serve da infância pobre de Aninha, a menina mal-amada, para fazer valer a poesia ressentida evidente no “Livro I: meias confissões de Aninha”. O “Livro II – Ainda Aninha” dá início ao imaginário de Aninha que é também um pouco do imaginário de uma coletividade e o “Livro III: Nos reinos de Goiás e Outros”, Cora encerra uma atitude verdadeiramente épica ao recontar e recriar sua história que também é a história de uma coletividade. Segundo Camargo (2006) a expressão épica que emana da rememoração poética é motivada por experiências vividas em sua comunidade, isso porque em sociedades como a da infância de Cora Coralina a individualidade ainda não

se libertara de todo do modo de vida preso à coletividade, que é próprio das sociedades arcaicas. Assim, mesmo que parte dos acontecimentos não tenha sido vividos por Cora, foram apropriados por ela por meio das histórias contadas pelos antigos, não sem passar pelo crivo da sua individualidade que é responsável pelo caráter lírico ressentido que ganham no poema.

Ao abordar o tema do idílio na infância, a poetisa subverte o ideal instituído de infância como reduto do lírico e da recordação saudosa, como lembra Fiuza (2009), recriando poeticamente o passado e reinventando liricamente a memória, permite que as vivências individuais originem poemas reconhecidamente autobiográficos. Essa forma de subversão de toda uma tradição do ideal instituído de infância se desconstrói na poesia autobiográfica de Cora por meio de uma poética voltada para o ressentimento que tende à negatividade como contenção do sentimentalismo. O *vintém* será, segundo Fiuza (2009) o símbolo da infância pobre em economias e afeto da menina Aninha mal-amada. Sob o aspecto social, o *vintém* ainda irá representar para ela o fim do ciclo aurífero sob o qual a cidade se formou e que ao fim deste assistiu um estado de penúria se estendendo por séculos subsequentes e reforçando-se por outras causas.

Retomando a expressão da subjetividade e memória de Aninha ligada a esse cantinho concretamente situado no espaço, caracterizado pela Cidade de Goiás e a Casa Velha da Ponte onde viveram também os pais e os avós da menina, a obra propicia também um revés do idílio familiar, em que famílias atravessando gerações sem abandonar a mesma localidade ocasionam a unidade tanto de tempo já que une o berço e o túmulo quanto unidade de unidade de lugar. Em Cora, a ação transgressora de sair do lugar e permanecer por mais de quarenta e cinco anos distante encerra essa unidade que ela irá reatar por meio da memória e consequentemente da sua poesia. Outro fator que desmistifica o idílio familiar em *Vintém de Cobre* é seu realismo, já que o idílio não reconhece o cotidiano. A poesia de Cora é dada ao cotidiano, é afeita à oralidade, ao coloquial, às ações corriqueiras, a gente simples, daí também decorre seu caráter de modernidade. Esse pequeno mundo se auto-satisfaz, sem que seja necessário ligá-lo a nenhum outro lugar. Numa leitura de perspectiva não só autobiográfica, mas também de inscrição lírica, Cora propõe uma fratura do tempo que se apresentará entrecortado, não só pela distância que se dá entre a infância e a velhice, mas também pelo afastamento espacial que se dá entre esses dois tempos, e que se não apaga a memória de uma coletividade a faz pelo menos alterar a sua própria.

Staiger (1974) notifica o fato do passado, apresentar funções distintas na narração e na lírica. O passado como objeto da narração pertence à memória e como

tema do lírico pertence à recordação. Assim nota-se que em *Vintém de Cobre* há uma convergência entre memória e recordação, em que as sensações desencadeiam e ativam a memória. A recordação comumente relacionada a aspectos positivos será subvertida em favor de uma visão negativada da infância que permeará toda recordação lírica em *Vintém de Cobre*. Logo no título da obra e de notável recorrência no transcorrer da mesma é a importância dada à moeda, símbolo da valorização do capital ou mesmo da ausência deste, sob o qual o homem moderno se verá oprimido e passará a resistir mediante a lírica. De pouca ou nenhuma recorrência aos sentidos, a poesia é escassa de sinestésias e a substantivação descritiva constante. Os rastros de negatividade advindos da memória inserem palavras e expressões negativas aniquilando uma possível sentimentalização:

A estrada está deserta,
Vou caminhando sozinha.
Ninguém me espera no caminho.
Ninguém acende a luz
A velha candeia de azeite
de há muito se apagou.

A longa noite escura...
A caminhada...
Carreando pedras,
Construindo com as mãos sangrando
Minha vida. (CORALINA, 2013, p.24)

Em “Cântico Primeiro de Aninha” observa-se um tom quase de denúncia da solidão em que a menina vivia. As palavras “deserta / sozinha” indiciam uma possível negatividade que irá se instalar nas lembranças da infância, confirmadas pelos versos seguintes que apresentam liricamente a memória presentificada pelo uso de formas nominais e intensificam a negatividade já apresentada, evidenciando o sofrimento da criança desprotegida pelo seio familiar.

Ao observar a liricidade da poesia presente em *Vintém de Cobre* é possível afirmar que a qualidade de gênero subjetivo propõe uma poesia que é reflexo, não só da infância de Aninha, mas também da vida sócio-cultural da Cidade de Goiás, na medida em que trata-se de uma consciência individual, que em certa medida também é coletiva “À sombra dos velhos seresteiros/ A flauta, o violão, o bandolim.” Na diluição entre eu-lírico e objeto recordado que Staiger (1974) propõe desaparecem as fronteiras entre Aninha e o lugar, ela torna-se a própria memória do vivido:

A estrada está deserta...
Alguma sombra escassa
buscando o pássaro perdido.

Morro acima. Serra abaixo.
Ninho vazio de pedras.
Eu avante na busca fatigante
de um mundo impreciso,
todo meu,
feito de sonho incorpóreo
e terra crua. (CORALINA, 2013, p.25)

Se durante muito tempo a lírica garantiu um distanciamento extremo entre subjetividade e a ideia do social, na poesia moderna essa extremidade se torna inexistente. Apesar da poesia de *Vintém de Cobre* partir da expressão de emoções e experiências individuais, estas só atingem o caráter de arte ao atingirem o universal. Segundo Adorno (2003), é exatamente esse mergulho no individuado que garante que o conteúdo manifesto da lírica não seja contaminado pelas ideologias, preconceitos e esteriótipos que perpassam os discursos sociais, garantindo a manifestação do individuado que vai além da ideologia, ou seja, perpassa os seus meandros, passa além da falsa consciência. Muitas vezes, a poesia de Cora parece antes apresentar-se como denúncia de um estado de alma ressentido que se mostra avesso à às instituições, a começar pela familiar, pelas regras de moral e boa conduta que coletividade da época apregoava:

Não são os filhos que nos devem. São os pais que devem a eles.
(...) Nego o amor dos pais do passado, salvante exceções
O que eles sentiam era o orgulho da posse, o domínio
sobre sua descendência. (CORALINA, 2013, p. 133)

Não sem uma acuidade denunciada pelo subtítulo “meias confissões”, Cora desvela o passado justamente na perspectiva apresentada por Adorno (2003) que se desvencilha da preocupação com as opressões que o social na época poderia lhe imprimir. A lírica, segundo Adorno (2003) implica um protesto contra uma situação social que o indivíduo experimenta como hostil, fria, alienada e opressiva, apresentando uma forma de ver bastante particular que se apresenta como reação à coisificação do mundo e sobreposição do valor da mercadoria sobre o humano. A lírica é em si o momento da fratura, exprime-se como oposto ao coletivo, já que o não social no poema é que simboliza o seu social, e essa representação ocorre pela linguagem que serve a dois fins: constitui o primado da criação literária e constitui os conceitos que inevitavelmente faz referência ao universal e à sociedade.

O caráter do social se imprime em *Vintém de Cobre* não só por razões autobiográficas, ou seja, o fato de Cora querer assinar “os autos do passado” como já anunciara no primeiro livro, mas também no caráter de protesto que a segunda obra de

Cora Coralina vem imprimir, protesto contra o modo de ver tão latente da coletividade, que é próprio das sociedades arcaicas e do qual a Cidade de Goiás tão bem compartilhava. Todas as formas de preconceitos e estereótipos sentidos por Aninha prefiguram a poética de forma ressentida, especialmente em “Moinho do Tempo”, Cora nos remete ao namoro de longe e a necessidade do casamento que deveria se fazer cedo, mas não o faz sem a ironia como estratégia de desmontagem do plano poético prosaico que instaura no início:

“Moça para casar não precisa namorar,
O que for seu virá”.
Ai, meu Deus! E como custava chegar...
Virá! Virá!...Virá!, virá... quando?
E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,
E a roda-da-vida rodando...virá-virá!
A gente ali, na estaca, amarrada, consumida
de Maria Borracheira, sem madrinha-fada,
sem sapatinho perdido,
se, arauto de príncipe-rei, a procurar
pelos reinos da cidade de Goiás
o pezinho faceiro do sapatinho de cristal
caído na correria da volta. (CORALINA, 2013, p.33)

Adorno (2003) vai afirmar que a lírica é uma expressão subjetiva de um antagonismo social, no entanto como a lírica se faz no mundo objetivo que se apresenta antagônico, o conceito de lírica não pode se esgotar na expressão de subjetividade, já que a linguagem responsabiliza-se por conferir àquela objetividade. Assim o conceito de lírica como mera expressão de uma individualidade entra em crise para uma situação que ultrapassa a individualidade, uma vez que o sujeito poético é sempre um sujeito coletivo que mantém relação com a realidade social.

Do atrelamento da poesia e especificamente do sujeito poético com o coletivo e consequentemente com o social, enveredamos para o conceito de memória individual que conduz ou mesmo apresenta-se como sustentáculo de uma memória coletiva. Segundo Maurice Halbwachas (2006), quando retornamos a um espaço, o que é percebido auxilia na reconstituição de muitas partes que haviam sido esquecidas, ou seja, as lembranças se adaptam ao conjunto das percepções do presente. Isso fica evidente na obra estudada porque frequentemente trava-se um embate de colocações entre a perspectiva do passado e a do presente como ocorre em “Menina Mal-Amada”, em que Cora retoma inicialmente a memória da primeira escola, do nervosismo e medo sempre atrelando seu modo de ser a rejeição que sofrera por parte dos pais. Segue o poema com recordações, entremeados de falas escassas que reforçam o coloquialismo

pretendido, e retoma novamente a memória ressentida da menina chorona para sustentar a ideia de dever cumprido e de ter vencido. No meio da página escreve “No passado” e com espaçamento inicia a fala que a reporta imediatamente ao presente:

Tanta coisa me faltou.
Tanta coisa desejei sem alcançar.
Hoje, nada me falta,
Me faltando sempre o que não tive.

Eu era uma pobre menina mal-amada.
Frustrai as esperanças de minha mãe, desde o meu
nascimento. (CORALINA, 2013, p.119)

Sabe-se que as memórias de Cora são comum a uma coletividade, e isso segundo Halbwachs (2006) faz com que os fatos descritos passem a assumir maior importância, porque são revividos de forma mais avivada, uma vez que se pode revivê-los com maior intensidade. As lembranças de Aninha, ainda que constituam eventos e objetos individuais, são lembranças de uma coletividade porque estão inseridas no tempo e espaço dessa mesma coletividade, ou seja, no ponto de vista de Aninha ou de Cora que é quem rememora os fatos. Desse modo é possível localizar um dado acontecimento no tempo e no espaço, mas um acontecimento é um dado abstrato e às vezes distante o suficiente para tornar-se impossível correlacionar qualquer lembrança viva. É fato que é preciso que as lembranças tenham se conservado no espírito para que os testemunhos dessa coletividade possam complementar servindo apenas para situar as lembranças. Segundo Halbwachs (2006) a reconstituição da lembrança por meio da formação de imagens pode se tornar uma composição artificial, e a imagem passa a ser a própria lembrança. Essa imagem acaba por modificar a impressão do fato e não reproduz exatamente o passado vivido. Em *Vintém de Cobre* a memória lírica passa a ser também subjetivada e não tem o compromisso de reproduzir o passado sobre a visão da imparcialidade, mesmo porque pretende desvencilhar-se das opressões, ainda que faça apenas “meias” confissões.

Ainda segundo Halbwachs (2006), para que haja a reconstrução memorialista da coletividade, é preciso que os indivíduos continuem fazendo parte de uma mesma sociedade, somente assim a lembrança pode ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. Ele afirma ainda que o eu individual só lembra se se posicionar-se no ponto de vista do outro ou de um grupo, ou ainda se situar em um ou mais grupos de pensamento da coletividade fator evidente quando Cora afirma “Geração ponte, eu fui, posso contar” não sem a ressalva do ponto de vista da individualidade e do intento com que constituiu o livro:

Este livro, *Meias Confissões de Aninha*, é um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro. Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu, Consequentemente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão. Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair. É um livro das consequências. De consequências. De uma estou certa, muitos dirão: estas coisas também se passaram comigo ... (CORALINA, 2013, p.19)

Mesmo que a individualidade possa garantir grande parte da recomposição da memória por meio da recordação, é necessário admitir que muitas lembranças reapareçam porque os outros garantem essa recordação, mesmo que não estejam fisicamente presentes, pode se falar de memória coletiva quando se evoca um fato que se vê ainda agora no momento presente – no momento da recordação, sob o ponto de vista desses grupos como acredita Halbwachs (2006). No entanto, na base de qualquer lembrança há um traço de consciência puramente individual que se denomina *intuição sensível*, que se distingue das percepções compostas pelo pensamento social.

Halbwachs (2006), ao tratar da infância assinalando momentos em que se enfrenta o não familiar, seja por ferir-se no contato com objetos, seja por ter que sujeitar-se às forças das circunstâncias, diz de uma sequência de provas que atua como preparação para a vida adulta, que nada mais é que o reflexo que a sociedade adulta projeta sobre a infância, tirando-as o tempo das bonecas, e evidenciando a condição de que grande parte da memória pertence ao indivíduo e a nenhuma coletividade. Essa projeção pode ser claramente observada nas *meias confissões de Aninha*, no poema “Moinho do tempo” em que Cora se deleita em contar o contratempo entre a vontade dos antigos e a vontade dos jovens, e a fazer novamente pela imagem do *vintém*, metáfora da falta do que nem mesmo pela memória que proporciona um revivido na velhice poderá ser resgatado:

Tanta pobreza a contornar.
Tanto sonho irrealizado, tanto abandono.
Tanta água de sonho puxado do poço da imaginação...

Valiam as velhas, seus adágios de sustentação:
Conter e reprimir os jovens, dar-lhes esperanças,
ensinar-lhes a paciência, a vontade de Deus.
E a gente a querer abrir uma brecha naquela muralha
parda de pobreza e limitação.

Hoje sobrar para todos mil cruzeiros.
Me faltando sempre o *vintém* da infância. Bem por isso

mandei fazer um broche de um vintém de cobre
e preguei no meu vestido do lado do coração. (CORALINA, 2013,
p.35)

O retorno de Cora a Cidade de Goiás configura um reforço da lembrança sobre a memória, segundo a leitura sociológica de Halbwachs (2006), visto ser condição necessária que uma sequência de percepções ocorra novamente a partir da repetição do caminho outrora percorrido, uma vez que é impossível recuperar por meio da memória imagens tão diversas e tão matizadas. Essas percepções recuperadas pela poetiza pelo retorno ao espaço não propicia exatamente uma reconstrução, mas evoca de forma mais aguda aquilo que já se encontrava no espírito. Não que seja necessário o retorno ao local, bastasse que a memória evocasse-os, mesmo sem revê-los com maior intensidade.

Importante ressaltar que justamente por haver uma voz de memória coletiva, que como observamos a partir das colocações do sociólogo são inevitáveis, uma vez que todo indivíduo fala a partir de uma coletividade – a do grupo a qual pertence, em *Vintém de Cobre* a poesia de lirismo ressentido é parte de um mergulho na subjetividade e no individual que evidencia parte da memória coletiva contada com que Cora não se compraz. Ou seja, o mergulho no indivíduo do qual fala Adorno (2012), a subjetividade busca abarcar especificamente aquilo que a coletividade deixou passar ao largo, o jeito rude de Cora, transgressor, mal afamado frente às tradições de cidades do interior de Goiás, ela explica pelo Vintém de Cobre que lhe faltou, e que mesmo num retorno no tempo, pela memória do contar poético e no espaço, pelo retorno a Cidade de Goiás ela jamais será capaz de recuperar. Divergências de pontos de vista, segundo Halbwachs (2006) se explicam quando a memória individual ao sofrer uma alteração do papel do indivíduo dentro da memória coletiva do grupo a que pertence, altera-se porque a memória individual apesar de ser um ponto de vista sobre a memória coletiva, muda segundo o lugar que o indivíduo ocupa na coletividade, ou seja, ao deixar de ser Aninha a menina Mal-Amada para tornar-se Cora Coralina, a expressão máxima da literatura goiana, a poetisa sobrepõe a sua memória individual sobre a memória de uma coletividade, sem libertar-se no entanto do sentido de pertencimento.

CONCLUSÃO

É possível abordar *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* sobre diversos aspectos, no entanto é primordial perceber e sustentar o ideal que a própria poetisa desejara alcançar. Enquanto objeto literário se tornou bastante viável sustentar a

abordagem que privilegia a retomada do passado sob uma perspectiva memorialística, para não dizer épica que ao dialogar com a subjetividade de um lirismo ressentido instituído pela recordação doída inscreve a obra de Cora na tensão das artes modernas. Enquanto objeto literário de memória coletiva importa ressaltar que mesmo tomada de forte influência dessa coletividade que se mantém impressa em sua fala, assim como nas impressões do lugar, Cora consegue elucubrar a memória coletiva que se torna apenas sustentáculo sob a qual a sua memória individual se sobrepõe.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. IN: **Notas de Literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2012.

CAMARGO, Goiandira O. de. **Cora Coralina: celebração da volta**. Org. por Darcy França Denófrío; Goiandira Ortiz de Camargo. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006. ISBN 85-87635-42-5

CANDIDO, Antônio. Crítica e Sociologia. In: **Literatura e Sociedade: estudo de teoria e história literária**. São Paulo: Campanhia Editora nacional, 1945.

CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**. 10ed. São Paulo: Global, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

STAIGER, Emil. Estilo Lírico: a recordação. In: **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

YOKOZAWA, Solange F. C. Confissões de Aninha e Memória dos Becos. In: **Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina/ Clovis Carvalho Britto, Maria Eugênia Curado, Marlene Vellasco (org.)**. Goiânia: Ed. Kelps, 2009. ISBN: 978-85-7766-548-8